



revista científica

LINKSCIENCEPLACE
interdisciplinar



Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2358-8411

Nº 3, volume 3, artigo nº 7, Julho/Setembro 2016

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v3n3a7>

USOS E APROPRIAÇÕES DA REDE SOCIAL DIGITAL: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LEITOR/AUTOR NA ATUALIZAÇÃO DO JORNALISMO

Simone Rodrigues Barreto¹

Mestranda em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf)

Resumo

O presente trabalho objetiva traçar considerações sobre a participação do leitor, agora “usuário”, no encadeamento midiático das Redes Sociais Digitais com a mídia online e impressa, a partir da identificação e análise de situações em que o Facebook serviu como fonte de informação ou reprodução de pensamentos ou opiniões em matérias publicadas nos jornais impressos e online. As considerações são traçadas a partir do mapeamento de menções no Facebook sobre o caso da morte do estudante da Unesp, em 1º de março de 2015, além das apropriações de textos, fotos e vídeos que circularam nas redes sociais e foram publicadas jornalisticamente. Observou-se que a maioria das matérias usava conteúdos das redes sociais como fonte. Pretende-se neste artigo também fazer reflexões sobre o uso e apropriação do Facebook, analisando a relação entre leitor/usuário e a produção de notícias no jornalismo como um processo rizomático, conceituado por Deleuze e Guatarri. Baseado no conceito de Lévy, observamos a participação do leitor, antes mero espectador, agora como um dos responsáveis pela atualização da notícia, através de comentários deixados nos sites de notícias ou mesmo nas redes sociais.

Palavras-chave: Redes Sociais Digitais; Jornalismo Colaborativo; Cibercultura.

Abstract

This paper aims to make some considerations about the reader's participation, now "user" in the media glare of Social Networks Digital with online and print media, from the identification and analysis of situations where Facebook served as a source of information or reproduction of thoughts or opinions in articles published in printed newspapers and online channels. The considerations are drawn from the entries mapping to Facebook about the death of a student of Unesp, on March 1, 2015, in addition to appropriations of texts, photos and videos circulated on social networks and were published journalistically. It was observed that most of materials used as a source social network content. It is intended in this article also make reflections on the use and ownership of Facebook, analyzing the relationship between reader / user and news production in journalism as a rhizomatic process, conceptualized by Deleuze

¹ Simone Rodrigues Barreto é mestranda do Programa de Pós-Graduação Cognição e Linguagem (PGCL) da Universidade Estadual do Norte Fluminense, sibarreto@gmail.com

and Guattari. Based on the concept of Lévy, observe reader participation, before mere spectator, now as one of the responsible for updating the news through comments left on news sites or social networks.

Keywords: Social Networks Digital 1 Journalism collaborative 2 Cyberculture3

INTRODUÇÃO

A consolidação das tecnologias estruturadas no computador, ocorrida nas últimas duas décadas, mudou a imprensa em todo o mundo. A Internet trouxe novos padrões de construção discursiva da realidade, agregando mais velocidade ao processo informacional, transformando expressivamente o jornalismo. Os atores sociais, na forma de indivíduo ou instituição, migraram para os espaços digitais e apoiados nas ferramentas de base digital, tanto a produção da informação quanto o campo da recepção mudaram significativamente. Os papéis de Emissor-Receptor-Mensagem, que antes tinham suas funções bem desenhadas, hoje se encontram em um impasse. Como fio condutor destas mudanças, observamos características trazidas pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, entre elas, a velocidade e a interatividade das Redes Sociais Digitais. Sabemos que a Internet e suas novas ferramentas não só mudaram a imprensa, mas todo o processo de comunicação, entre eles, o conceito de Massa e sua teoria, que estrutura desde a década de 40 quem é o emissor, o receptor e a mensagem.

De acordo com Pierre Lévy (1999, p. 63), após o surgimento do computador com conexões via Internet, houve modificação na forma de produção e disseminação de informação pautada no dispositivo comunicacional “todos-todos”.

A teoria proposta por Harold Lasswell, desenvolvida no século XX, explicava naquela época que a comunicação de massa envolve emissor — mensagem — receptor, um processo de sentido unidirecional que, por vezes, recebe o feedback. Mas, podemos observar que no Século XXI, com o surgimento dos meios tecnológicos de comunicação, entre eles as redes sociais digitais, as mudanças tecnológicas alteraram de forma significativa a comunicação de massa e ordenamento de quem emite e recebe a mensagem, não apresentando mais o sentido unidirecional e tornando o feedback algo rotineiro e mais veloz nesta relação.

Os estudos e teorias até então desenvolvidos sobre relações dos receptores com os produtores de informação foram colocados em questão com o surgimento das novas tecnologias comunicacionais. Até a década de 1980, antes das novas tecnologias, o jornalista e os meios de comunicação de massa sempre eram o emissor; a notícia produzida e publicada sempre era a mensagem e leitor, o receptor. No entanto, em meio ao ciberespaço e à cultura de informação virtual, esta ordem perdeu-se frente aos fenômenos sociais, uma vez que quem antes era receptor da mensagem passou a produzir e emitir a sua própria informação, em uma forma interativa, o que vem proporcionando uma efervescência na produção da pauta jornalística.

As práticas sociocomunicacionais da internet demonstram que um número cada vez maior e crescente de pessoas está produzindo vídeos, fotos, escrevendo blogs. Essas práticas levam à reflexão sobre a potência represada pelos meios massivos de comunicação que sempre controlaram o polo emissor da informação.

Vamos mencionar como ferramentas oferecidas pelo mundo virtual ao profissional de comunicação, o Facebook, dispositivo virtual que funciona como Rede Social Digital (RSD). Esse recurso vem sendo utilizado em grande escala pelos profissionais de comunicação. Um número cada vez maior de jornalistas precisa migrar suas fontes de informação do “social” para o social virtual. Assim, esse comunicador necessita de uma rede extensa de “amigos virtuais”, mesmo que não conheça pessoalmente todos eles, para receber informações pessoais ou públicas em tempo real.

Para o sociólogo Manoel Castells, esta etapa vivida nesta década inaugura um novo paradigma a partir do qual se poderá repensar a economia, as relações humanas, a cultura, a ciência, a política, a comunicação etc. Afinal, o novo paradigma usa como matéria primeira a informação, não aquela do tipo que age sobre a tecnologia (quando o comando opera a máquina), mas a informação que é gerada e gerida partir da tecnologia que oferece condições de existência de uma sociedade em rede. (CASTELLS, 1999: 77-81)

RIZOMA E O TEXTO JORNALÍSTICO

A partir da consolidação da Internet, o texto aos poucos passou a ser processado pela tela do computador e quem era antes o “leitor”, aos poucos foi assumindo o papel de “usuário” e novos atores e papéis foram surgindo neste novo cenário. A chamada “Sociedade da Informação” configura-se cada vez mais como aquela onde há um novo capital: a informação, que desponta através dos fluxos que desenham uma nova economia (Castells, 1999; Mattelart, 2005).

Com o advento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, e de um modo especial, da Internet e da Comunicação Mediada pelo Computador, desenhou-se também um novo espaço informativo à sociedade, não mais inteiramente dominado pelos chamados meios de comunicação de massa, mas igualmente, pelos fluxos gerados por essas tecnologias.

Para Pierre Lévy, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções, edições, exemplares e cópias. “Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações. (LÉVY 1996, pag.35)”. São nestas definições que surgem a base hipertextual que predomina no ciberespaço: o Hipertexto. Esta ideia nos remete a de Deleuze e Guatarri, que, ao falar do Rizoma, afirmam que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar”. (pág 13). Se compararmos o processo rizomático apontado por Deleuze e Guatarri e o de Hipertexto, apontado por Lévy, percebemos que ambos falam do mesmo assunto. Tanto Rizoma como o Hipertexto possuem princípios de conexão e heterogeneidade.

Qualquer ponto de rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore linguística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico”. (Deleuze e Guatarri, 1980, pág. 15)

O Hipertexto, para Pierre Lévy é a matriz de textos potenciais, pois dá a conotação de que o texto é construído pela multiplicidade, quando este define o ato da leitura e uma atualização das significações de um texto, atualização e não realização.

“A hipertextualização é um movimento inverso da leitura, no sentido em que produz, a partir de um texto inicial, uma reserva textual e instrumentos de composição graças aos quais, um navegador poderá projetar uma quantidade de outros sentidos. O texto é transformado em problemática textual”. (Lévy, 1996, pág 41-42)

Outro autor, que antes de Lévy já dava essa conotação de que o texto é construído pela multiplicidade de ideias e diálogos foi Roland Barthes. Para ele todo texto corresponde a um “tecido de citações, saídas de mil focos da cultura”. “O texto é tecido de palavras de duplo sentido que cada personagem compreende unilateralmente”. (Barthes, 1968, pg 64).

Pierre Lévy (detalha que a tela do computador é uma nova "máquina de ler" o lugar onde uma reserva de informações possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. (p.41).

Segundo Recuero, (2011) esse espaço informativo, onde milhares de informações circulam todos os dias, através de novas ferramentas, como os sites de rede social, adquiriu novos contornos: é o efeito das redes sociais na Internet. Essas redes, propiciadas pelas ferramentas da internet, formaram uma teia informativa, onde as conexões estabelecidas entre os milhares de indivíduos passam a ser caminhos por onde a informação pode ser produzida, circulada e filtrada. Cada ator conectado à rede é, assim, um emissor em potencial, capaz de atuar no contexto desses fluxos informativos, construindo, modificando e dividindo informação.

Zilberman, (2001) diz que a flexibilidade de cada texto decorre de sua habilidade em responder de modo distinto a cada leitor ou aos segmentos variados de público; decorre da propriedade de o destinatário intervir na obra.

A Rede Social como fonte de informação

A forma como a sociedade se relaciona, adquire conhecimento e busca informações mudou consideravelmente nos últimos 20 anos. A “Sociedade em Rede”, termo empregado por Manuel Castells, a partir do surgimento da Internet, demonstra que as tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social numa velocidade espantosa. A maneira como é utilizada esta tecnologia e como a sociedade se apropria dela reinventam constantemente suas características.

Castells (2003) define como novo modelo organizacional da chamada Era da Informação: a rede. Segundo o autor, a rede, que tem por base tecnológica a Internet, é um conjunto de nós interconectados, cujo modelo de organização permite conexão de muitos com muitos, num dado momento escolhido, em escala global. Esse modelo de organização serviu ainda para moldar o novo modelo de sociabilidade dentro dessa sociedade: as chamadas redes sociais.

Um exemplo dessas redes sociais são as chamadas comunidades virtuais. Raquel Recuero (2001), define que comunidades virtuais são grupos de pessoas que estabelecem entre si relações através da Comunicação Mediada por Computador (CMC).

A participação nas Redes Sociais Digitais é uma forma de acessar recursos. E parte desses recursos está relacionada, diretamente, com o acesso à informação (Coleman, 1998; Bertolini e Bravo, 2004). Dentre essas formas, uma das mais comuns apontadas pela literatura é o acesso à informação.

Isso é o que mostra a pesquisa '*Digital News Report 2014*', realizada pela *Reuters Institute*. O estudo aponta que as pessoas têm a Internet como fonte de informação fundamental e de forma crescente. As Redes Sociais Digitais (RSD), em particular o Facebook, vão se tornando a grande plataforma para o consumo de notícias. No Brasil esse movimento é o mais notável entre os 10 países pesquisados. Por aqui, o Facebook não só é a rede mais usada – por 80% dos entrevistados – como é a principal fonte de notícias para 67%, seguida pelo YouTube (33%); G+ (14%) e Twitter (13%).

A pesquisa mostra que os meios de comunicação tradicionais brasileiros já perderam metade do seu público para as Redes Sociais Digitais. Perguntados sobre como buscam informação, 54% dos brasileiros entrevistados indicaram “redes sociais”, contra 55% que buscaram “veículos tradicionais”, como os sites de jornais. É o maior percentual entre os 10 países, com a Itália em segundo (51%).

Curiosamente, Brasil e Itália são os dois pesquisados onde o acesso à Internet é menor. A penetração no Brasil foi indicada em 46% (Brasil Urbano, segundo o estudo) e, na Itália, 58%. Nos demais – EUA, Reino Unido, Alemanha, França, Dinamarca, Finlândia, Espanha e Japão – a penetração é acima de 80%.

O mesmo estudo (www.digitalnewsreport.org) coloca os brasileiros como os mais interessados em notícias (87%) e aqueles que têm a Internet como a principal fonte de informações – 37%, ao lado da Finlândia.

O Brasil também aparece como o país pesquisado onde os internautas mais compartilham notícias em redes sociais ou por e-mail – 54% dos entrevistados; seguido da Itália, 44%; Espanha, 40%; EUA, 35%; e Finlândia, 24%.

Muniz Sodré e Manuel Castells (1999) dizem que a Internet promoveu uma verdadeira virtualização no mundo contemporâneo, em que a realidade é cada vez mais mediada por códigos digitais, assim como no passado a mediação era dada pela hegemonia do alfabeto. Tal realidade foi descrita por Castells como Virtualidade Real, quando o sentido do real é apreendido pelo virtual. Já Sodré, em *Antropologia do Espelho: uma teoria a comunicação linear em rede* (2002), sustenta que a sociedade contemporânea pós-industrial vive sob o estigma da midiatização, ou seja, tendendo à virtualização das relações interpessoais. Visto que a midiatização implica uma nova forma de vida e uma nova forma de o sujeito se expressar no mundo. Sodré defende a classificação de um novo *bios* de acordo com a classificação aristotélica: o *bios* virtual.

Partindo-se da classificação aristotélica, a midiatização ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo bios, uma espécie de quarto âmbito existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, como uma qualificação cultural própria (a tecnocultura). O que já se fazia presente, por meio da mídia tradicional e do mercado, no ethos abrangente do consumo, consolida-se com novas propriedades por meio da técnica digital (SODRÉ, 2002, p25).

Destacam-se as definições da pesquisadora Raquel Recuero (2009), que afirma que rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições, ou grupos, os nós das redes) e suas conexões (interações ou laços sociais). (RECUERO, 2009).

Tais restrições, transformando os caminhos em retas e suas intersecções em pontos (nós, partes) (RECUERO, 2009, p.19). Essa representação muito se assemelha à ideia de rizoma proposta por Deleuze e Guattari (1995). Os autores afirmam que o rizoma tem formas “(...) muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e

tubérculos (...) qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro”. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.15).

Nota-se que o conceito de rizoma registrado por Deleuze e Guattari assemelha-se à ideia de hipertexto apontada por Lévy (1999). Segundo Deleuze e Guattari (1995), a principal característica do rizoma é conectar pontos:

Um rizoma é feito de platôs (...) que se comunicam uns com os outros através de microfendas, como num cérebro. Chamamos de “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma (...). Cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, pp.32-33).

Kleinberg e Easley (2010) explicam que a rede proporciona aos indivíduos influenciarem-se uns aos outros. Parte desta influência dá-se pela informação que circula na rede. Quando essa informação consegue impactar a decisão de diversos indivíduos e gerar um comportamento de massas na sua difusão, há uma epidemia. Kleinberg e Easley (2010) chamam a esse comportamento de “cascata”. Recuero (2012) explica que, para os autores citados, a cascata é um efeito da circulação de informações em um determinado grupo gerado pela imitação. Entretanto, essa imitação é resultado de um comportamento racional, constituído pelos atores a partir das informações disponíveis.

Recuero (2012) continua explicando que cascatas informativas nas redes sociais digitais podem ser positivas, quando trazem uma informação relevante para um determinado grupo de atores, ou negativas, quando a informação é falsa.

Cascatas são iniciadas e replicadas rapidamente, competindo com os meios tradicionais e, inclusive, gerando práticas jornalísticas diferenciadas. As cascatas também podem influenciar negativamente a circulação de informação, na medida em que podem dar mais visibilidade para determinados tipos e menor para outros que podem ser considerados mais relevantes. (ZAGO E RECUERO, 2011, p.12).

É fácil observar como qualquer internauta se sente gabaritado em informar qualquer fato, sem se dar conta de que aquela informação é verídica ou não e isso se torna cada vez mais comum.

APROPRIANDO-SE DA CONVERSAÇÃO

Para abordar o impacto das redes sociais na relação entre leitor/usuário e a produção de notícias no jornalismo como um processo rizomático, escolhemos fazer um estudo de caso, com elementos qualitativos, sobre as postagens e matérias publicadas em jornais impresso e online sobre a morte do universitário Humberto Moura Fonseca, aluno de engenharia da Unesp. Foi observamos que a divulgação do fato jornalístico nos dias 1º e 3 de março de 2015, tanto em versão impressa como online, do Estadão, Zero Hora, O Globo e Extra, contou com a mesma foto da vítima, cuja fonte era a sua própria página do Facebook.



Figura 01 — Matéria publicada na versão online do Estadão, trazendo como fonte da imagem o Facebook de Humberto Moura Fonseca.

Fonte: www.estadão.com.br (acessado em 01 de março de 2015)

Observando a página em questão, a foto utilizada na matéria e a de sua capa de perfil de Humberto foram compartilhadas por 17 amigos entre os dias 28 de fevereiro (data do fato) e 1º de março (data em que as notícias começaram a circular na mídia e redes sociais).



Figura 02 — Página no Facebook de Humberto Moura Fonseca e compartilhamentos de sua foto já relacionada à sua morte pelos amigos virtuais.

Fonte: Facebook

Outro fator que chamou a atenção é que nas notícias publicadas no meio jornalístico, sempre havia referência das manifestações de citações ou outras ferramentas, como vídeo e panfleto da festa redes sociais digitais, dando a ideia de apropriação das informações, sem contato direto com as possíveis fontes. (Figura 3)

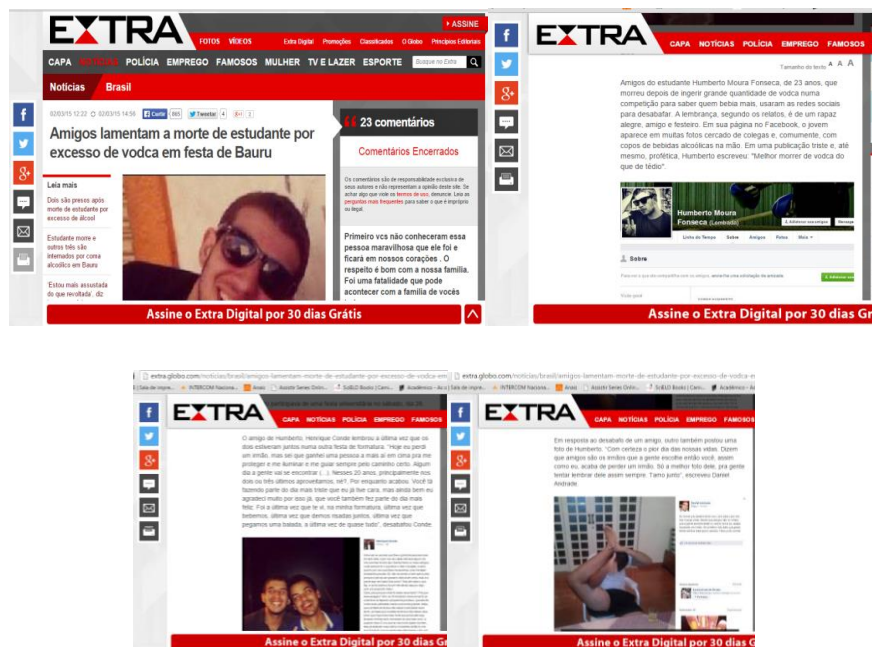


Figura 03 — Matérias publicadas pelo jornal Extra sobre a morte do estudante. As fontes não foram ouvidas na matéria, como na maneira tradicional de se fazer uma entrevista, mas as informações foram sendo apropriadas pelo jornalista, a partir das páginas pessoais dos amigos da vítima.

Fonte: Página do jornal Extra na Internet (www.extra.com.br)

A cascata de atualizações se deu nos dias posteriores às primeiras notícias, correlacionando o coma alcoólico da vítima à sua própria citação em sua página do Facebook, onde citava a frase de Vladimir Maiakóvski, “Melhor morrer de vodca do que de tédio”.

Também pode-se observar que nos comentários da matéria publicada no dia 1º de março na versão online do Globo (G1), sobre a morte do estudante, entre as dezenas de comentários havia um ou outro apontava necessidade de fiscalização mais severa para as festas universitárias. No dia 06/03/2015 o mesmo site publicou matéria explicando que: “Vigilância vai fiscalizar consumo de bebida alcoólica por estudantes” (G1). (Figura 4).



Figura 04 — Site G1, da Globo, também utilizou a mesma estratégia para compor e publicar a notícia
Fonte: G1 (www.G1.com.br)

O mesmo aconteceu com site de notícias Terra.com, que publicou matéria também no dia 1º de março sobre a morte do rapaz e nos comentários da matéria algumas pessoas tentavam explicar como acontece a morte por coma alcoólico. No dia 03/03/2015 o mesmo site publicou a seguinte matéria: “Coma alcoólico: entenda quadro que matou estudante em Bauru”.

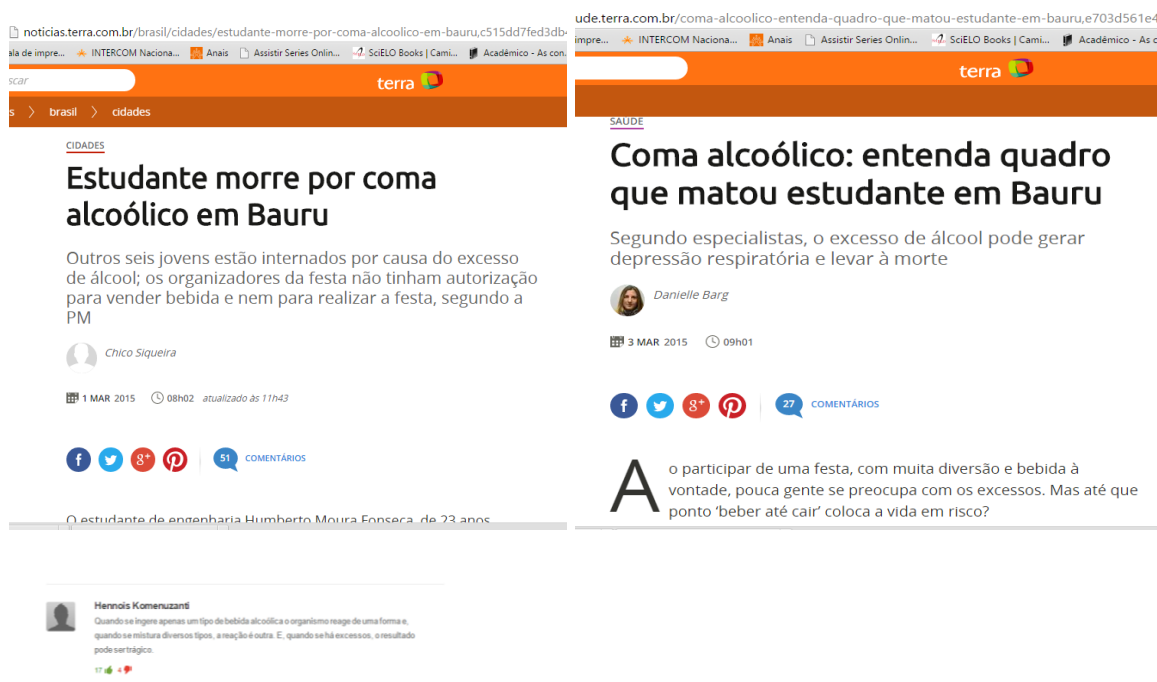


Figura 05 — Atualização da matéria pelos comentários dos leitores/usuários, o que serviu de nova pauta para o site de notícias

Fonte: Portal Terra

CONCLUSÕES FINAIS

Acredita-se que hoje, em meio às transformações tecnológicas que atingem a sociedade através das redes sociais virtuais, há uma influência crescente pela busca de informações. Por esta razão, o leitor que encontrou seu próprio canal de comunicação, aberto, através das Redes Sociais Digitais, nas quais escolhe o que vai ler, que horas vai ler e, ao mesmo tempo, ao apertar uma tecla “compartilhar”, ou ainda, publicando algo em seu “status”, torna-se detentor de tal informação, servindo de fonte de informação para os meios de comunicações oficiais da imprensa. Acredita-se que o jornalismo convencional, pós-Internet, perdeu o domínio e a exclusividade da detenção da informação e é pautado o tempo todo pelo leitor, que ora é produtor de notícia, ora é leitor.

A sociedade vive hoje um cenário de pluralidade e a horizontalidade informacional favorece novas lógicas de produção-circulação-consumo de notícias, tendo em vista todas as metamorfoses comunicacionais que, apoiadas nas novas tecnologias, redistribuem os papéis de cada sujeito social. O grande conglomerado midiático internacional não possui mais absoluta hegemonia nos processos da

informação e entretenimento – e ocupa espaços nos quais os indivíduos “comuns” – antigos espectadores, atuais produtores de conteúdo em potencial, também exercem a condição de emissores.

REFERÊNCIAS

Bahia, Benedito Juarez. *História, jornal e técnica – as técnicas do jornalismo*, volume 2: 5ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

Castells, Manuel. *A Sociedade em Rede. A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Vida, 1999.

_____. *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2003

Deleuze, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Dizard, Wilson. *A nova mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Ferrari, Pollyana. *Jornalismo Digital*. Editora Contexto, 2003.

Lasswell, Harold. *Propaganda techniques in world war*. Massachussets: MIT Press, 1971.

_____. *“The structure and function of communications in society”*. In: The communications of ideas. Bryson (org.). Nova Iorque: Editora Harper, 1948.

Lemos, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Sulina, 4ª Ed., 2008.

_____. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura*. Razón y palabra, ISSN 1605-4806, Nº. 52, 2006.

Lévy, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *O Que é Virtual?*. Rio: Editora 34, 1996.

_____. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1999.

Marteletto, Regina Maria. *Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação*. Ci. Inf. v.30 n.1 Brasília jan./abr. 2001.

McLuhan, Marshall. *Understanding Media: the extensions of Man*. New York: MCGrouw-Hill Book Company, 1964.

_____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*; ed. Cultrix, 11a . edição, 1996 Moraes, Denis (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro. Editora Mauad, 2006.

Recuero, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Coleção Cibercultura. Porto Alegre. Sulina. 2009

_____. *A Rede é a mensagem*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Santaella, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano – Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo. Editora Paulus. 2ª edição. 2004.

_____. *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano*. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, nº 22, dezembro, 2003.

_____. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

Schittine, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Civilização Brasileira, 2004.

Sibília, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008.

Souza, Carlos H.M. *Comunicação Educação e Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: FAFIC.2003

Trivinho, Eugênio. *Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do ciberespaço*. In: Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura. MARTINS, Francisco, SILVA, Juremir Machado (Orgs.). Porto Alegre: Sulina/Edipurs, 2003.

Wolf, Mauro. *Teorias da Comunicação*, ed. Presença, Lisboa, 1985.

RECUERO, R.; ZAGO, G. A Economia do Retweet: redes, difusão de informações e capital social no Twitter. In: Compós 2011, Porto Alegre, RS, 2011.

ZILBERMAN, Regina. *O Fim do livro, fim dos leitores*. São Paulo: Senac, 2001